

# Gustavo Barroso: vida, contexto e ideias<sup>1</sup>

GISAFRAN NAZARENO MOTA JUCÁ\*

## INTRODUÇÃO

**E**studar o Integralismo ou mesmo algum aspecto particular desse movimento político, ocorrido na década de 1930, não constitui um campo fácil de trabalho, uma vez que o assunto dificilmente encontrará um aspecto ainda inédito a explorar. Por isso, a proposta de trabalho, que ora se faz, reside em examinar, particularmente, o antissemitismo de Gustavo Barroso e não o pensamento integralista em toda sua abrangência e contradição. Concentrou-se, pois, quase todo embasamento, nas suas próprias obras, procurando situá-las no contexto da época e caracterizando a sua ideia acerca da história. Assim, pretende-se visualizar o papel exercido por esse “intelectual” no quadro político-social, especificando até que ponto é possível considerá-lo coerente, através do confronto das ideias divulgadas e do seu comportamento político com o cenário histórico da época.

Que Gustavo Barroso tenha sido intransigente no movimento integralista, com sua contínua campanha antijudaica, não constitui novidade. Todavia, várias indagações se fazem presentes, ao se refletir sobre a temática: por que, apesar de reacionária, a sua argumentação foi tão difundida e aceita por um imenso público leitor, como atestam as reedições de suas obras? Que setores da sociedade a assimilavam? Como se posicionava

---

1 O presente trabalho foi por mim elaborado, quando da minha estada em São Paulo, onde fui cursar o Doutorado em História Social na USP, atendendo a uma avaliação da disciplina O Antissemitismo na Era Vargas, ministrada pela Professora Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro. Em março de 1990, essa nossa produção foi lançada na Série História, Caderno Número 6, pelo Núcleo de Documentação Cultural (NUDOC), do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. (UFC). Por se tratar de uma publicação mimeografada, de pouca circulação, decidimos relançar o referido trabalho na Revista do Instituto do Ceará, tendo em vista uma maior divulgação aos interessados na temática em apreço. Na revisão elaborada, incluímos alguns comentários e reflexões que não constavam na primeira versão do trabalho, numa demonstração do alcance da temporalidade, quando o ontem e o hoje se associam.

\* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

a sociedade ao antissemitismo? Por que grande parte dos intelectuais, seja no Ceará, seja em âmbito nacional, salvo raras exceções, quando se referem a Gustavo Barroso, esquecem-se, ou encobrem, o seu intransigente sectarismo de direita?<sup>2</sup>

O sentido real do integralismo no quadro político nacional já foi analisado por diversos autores, inclusive através de teses universitárias. E já foram aclaradas a sua instabilidade e duração meteórica, decorrentes da própria dissociação entre o seu discurso e suas “práxis” política. Por isso, não se considera relevante aprofundar a polêmica acerca da classificação da ideologia integralista, assunto já por demais debatido<sup>3</sup>.

Merece também uma reflexão a própria especificação das razões motivadoras à crescente e contínua aversão aos judeus no seio das correntes políticas da época. Apenas uma tradição religiosa associava o judaísmo a uma força “Anticristo” ou outros fatores estariam por trás desse cenário? E a relação judaísmo-maçonaria, resultou apenas do exagero de uma condenação antisemita ou haveria um real motivo para que se pudesse associar a ação judaica no âmbito da influência maçônica?

Na tentativa, portanto, de responder a tantas questões problematizadas, reside o núcleo desse estudo, além de procurar detectar os meios que propiciaram a rápida difusão dos argumentos de Gustavo Barroso.

Utilizamos, como fontes básicas, os livros publicados a partir de 1933, ano de ingresso de Gustavo Barroso na AIB e, sobretudo, os mais importantes, dedicados especificamente ao antissemitismo. Tomamos como fontes complementares os jornais O Estado de São Paulo e a Ação, a fim de confrontar a posição do principal diário paulista com o órgão integralista local.

---

2 Veja-se, por exemplo, a única referência ao engajamento integralista de Gustavo Barroso, contida nos informes referentes ao autor, *In* MENEZES, Raimundo de. (Coord.). **Dicionário Literário Brasileiro**, 2ª. Ed. Rio de Janeiro, livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 101: “Participou do Movimento Integralista”.

3 É interessante observar, a esse respeito, o comentário de Josênio C. Parente, após apresentar as principais análises e tendências da historiografia brasileira: “... O movimento de regressão ou como populismo falho. Alguma característica do movimento do Sigma (o sigma era o seu símbolo, como a suástica o era para o nazismo alemão e o feixe para o fascismo italiano), contudo, são pontos pacíficos para todos os analistas: o integralismo era contra o comunismo, contra o capitalismo internacional, era nacionalista e defendia um Estado autoritário e corporativista”. *In*: \_\_\_\_\_. **Anauê**. Os Camisas Verdes no Poder. Fortaleza, UFC, 1986, pp. 32-33.

É óbvio que no Rio de Janeiro há considerável documentação e artigos relacionados ao autor e as obras. No Ceará, igualmente, seja pelo acervo existente ou através do depoimento de antigos integralistas, poder-se-ia coletar importantes subsídios. Considerando as dificuldades de deslocamento a Fortaleza, limitamos a nossa pesquisa à Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, da USP e ao Arquivo do Estado de São Paulo. Nessas instituições foram consultadas as obras fontes e os periódicos que permitiram visualizar os horizontes da década de 1930. A elaboração do presente artigo é, pois, fundamentada basicamente nas próprias obras publicadas por Gustavo Barroso.

## SÍNTESE DE UM INTEGRALISTA

Não se tem por objetivo apresentar pormenores biográficos do autor. Busca-se apenas os momentos de sua vida mais decisivos em sua formação ideológica. Apesar de ter nascido de uma mãe alemã, Ana Dodth Barroso, isso teve pouco significado em termos de sua educação, pois perdeu a mesma quando tinha apenas uma semana de nascimento. Deve ter sido o fato de ter sido criado por uma tia, que lhe proporcionou uma veneração à cultura germânica. Por outro lado, provavelmente, pesou, em sua orientação, a influência paterna, de tradicional família.

Ao iniciar o Curso de Direito, em Fortaleza, Gustavo passou a publicar artigos em jornais estudantis e a participar de entidades culturais, como por exemplo, a Sociedade Literária do Clube Máximo Gorki, considerado o primeiro clube socialista cearense<sup>4</sup>. Foi em 1912 que ele publicou “Terra do Sol”, seu primeiro livro e ingressou no Partido Republicano Federal, do qual só se desligaria seis anos depois. Chama atenção o fato de sua sexta edição ter sido lançada pela Imprensa Universitária do Ceará, em 1962, em comemoração ao seu cinquentenário. Apesar da primeira ter sido bem anterior à filiação do Gustavo Barroso ao Partido Integralista, na parte introdutória dessa última, escrita pelo ex-reitor da UFC, Antônio Martins Filho, não há qualquer alusão à visão política do autor. Apenas qualifica a obra como o seu “...melhor trabalho...”<sup>5</sup>.

4 Informe contido no **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, 1930-1983**. Rio de Janeiro, Forense, Universitária. FGV/CPDOC/FINEP, 1984. Vol. I, p. 336.

5 MARTINS FILHO, Antônio. *In: Prefácio de Terra do Sol – Natureza e Costumes do Norte*. 6ª. Ed. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1962, p. 1 e 2.

À vista de tal comentário, pode-se questionar o significado da produção de Gustavo Barroso na literatura nacional. Isso reforça a visão de se classificar com pouco peso cultural algumas de suas obras, principalmente os escritos antissemitas. O escritor Braga Montenegro, na segunda parte da introdução desse livro reconhece a sua "...avidez de imaginar e criar"<sup>6</sup>. Se Braga refere-se a tal qualidade no âmbito literário, constata-se que "poder imaginativo", igualmente, se fez presente nas suas obras de cunho político e social, onde sempre exacerbou a dicotomia entre o bem e o mal. É o imaginário, exatamente, a tônica marcante de suas obras.

No ano de 1913 veio a ocupar o cargo de Secretário Geral da Superintendência da Defesa da Borracha e, em 1914, regressou a Fortaleza para assumir a Secretaria do Interior e da Justiça. Um ano após elegeru-se deputado federal, pelo Ceará, e assumiria a direção da revista "Fon-Fon", no Rio de Janeiro. Ao término da Primeira Guerra, foi nomeado secretário da delegação brasileira à Conferência de Paz em Versalhes, chefiada por Epiácio Pessoa. Regressando ao Brasil, exerceu o cargo de inspetor escolar, no Museu Histórico Nacional. Não há, todavia, qualquer referência a sua formação diplomática, apesar de haver ocupado algumas funções nesse setor.

Acerca da participação de Gustavo na Academia Brasileira de Letras, não a menosprezamos, sua produção literária é digna de crédito. Contudo não devemos esquecer um ponto negativo surgido ao longo da história dessa Instituição: alguns dos seus integrantes foram indicados por influências ou conveniências políticas e, às vezes, poucas obras de real valor publicaram. Chama atenção como testemunho do caráter tradicional e reacionário da Instituição ter Gustavo Barroso exercido, além das funções de secretário, também a sua presidência durante os anos de 1931, 1932 e 1950.

Em relação ao seu ingresso na AIB, sabe-se que coincidiu com a subida de Hitler ao poder, incrementando sua política antijudaica. Paralelamente, no Brasil, os integralistas oficializavam seu partido político. Sua atuação inicial se expressava através da propaganda e das conferências pronunciadas em diversos Estados, como São Paulo, Minas Gerais e por todas as Capitais do Norte e Nordeste. Durante a realização do primeiro Congresso do Partido, Gustavo Barroso foi escolhido comandante geral das milícias, com direito de participar do Conselho Superior da AIB. Já no Congresso seguinte, efetuado em 1935, em Petrópolis, foi indicado para assumir a Secretaria Nacional de Educação Moral e Cívica da associação,

6 BRAGA MONTEIRO, In: **Introdução**, *ibidem*.

em substituição à milícia integralista, dissolvida por Plínio Salgado, face às determinações da Lei de Segurança Nacional, então promulgada.

Durante o levante comunista de 1935, Gustavo Barroso foi acusado pelo jornal “O Imparcial” de estar envolvido numa tentativa de golpe, a cargo do General Pantaleão Pessoa. As respostas do acusado viriam através do jornal “A Ofensiva”, acusando Roberto Simonsen, de judeu. Em março de 1937, o jornal “Diário da Noite” publicou uma notícia sobre uma tentativa fracassada de Gustavo Barroso de afastar Plínio Salgado da AIB, em razão de sua condescendência com os judeus<sup>7</sup>. Todavia, sabe-se que não houve rompimento entre os dois militantes, pois no mesmo ano, Gustavo Barroso fez parte dos trinta e cinco membros da Corte do Sigma que foram levar a Getúlio a indicação de Plínio Salgado como candidato à Presidência.

O entusiasmo integralista, quando do golpe de Vargas, ampliou-se com a sonhada participação no governo. Apesar das restrições que, paulatinamente, faziam crescer a barreira entre o poder central e os integralistas, em janeiro de 1938, Gustavo Barroso endereçou uma carta a Getúlio, parabenizando-o por um discurso, em que se manifestara a favor da liberação do Brasil dos agentes financeiros internacionais.

No início de 1938, após diversas tentativas de aproximação, Plínio Salgado rompeu com Getúlio, apesar de ainda continuar sempre disposto a um entendimento com o Poder Central. Nesse período, oficiais da Marinha, liderados por Victor Pujol, tentaram convencer os integralistas a aderir a uma tentativa de golpe. A reação de Gustavo Barroso foi negativa, afirmando que os membros do seu partido não deveriam figurar na História como assassinos. Às vésperas da segunda manifestação integralista contra o Governo, em 11 de março de 1938, ele procuraria o representante da Agência alemã “Transocean” de notícias, para se informar sobre a possibilidade de o governo alemão ajudar os integralistas, se o Ministério da Marinha fosse assumido por algum partidário<sup>8</sup>.

Centenas de prisões foram efetivadas. Armas foram apreendidas, inclusive na residência de Plínio Salgado que juntamente com Gustavo Barroso e Belmiro Valverde, chefe do levante, tiveram a chance de fugir.

7 **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**, cit., p. 336.

8 *Ibidem*, p. 337.

Na segunda tentativa, em maio, o movimento foi vencido sem dificuldades, frustrando-se a tomada do Palácio governamental e sendo passageiro do domínio no Ministério da Marinha. Barroso e Padilha, também membro do Conselho Superior da AIB, foram presos em Minas Gerais, pela polícia, que apreendeu uma carta do primeiro, destinada à Aliança Fascista Europeia contra os judeus.

Apesar das prisões e do exílio de diversos integralistas, o mais paradoxal é que Gustavo Barrosos e Plínio Salgado foram excluídos de uma condenação, por falta de provas. Embora se referindo diretamente ao segundo, o testemunho de Belmiro Valverde, que morreria na prisão, constituiu a demonstração da dubiedade e falta de coerência do líder do integralismo:

“Vencidos, ele nos pôs de lado; vencedores, haveria de querer surgir como grande Messias, o Homem do Destino. Cometemos para com ele o pecado de não ganhar a partida.”<sup>9</sup>

Apesar das tentativas de Plínio Salgado de eximir-se de culpa, a prisão de elementos liberais que não eram integralistas, não mereceu do líder nenhuma declaração a favor dos perseguidos. A própria pensão, fornecida pelo Governo brasileiro quando do exílio de Plínio em Portugal, atestou a fraca coerência ideológica do líder integralista.

De modo semelhante, Gustavo Barroso, apesar de afastado do quadro político, continuou a usufruir das benesses governamentais. Reassumiu a direção do Museu Histórico Nacional. Em virtude do seu relacionamento com elementos do Governo, obteve a concessão de antigos cargos aos colegas integralistas. Uma carta sua, de 17 de outubro de 1941, destinada a Plínio Salgado, informando de uma tentativa de aproximação de Vargas, revela o real sentido da relação entre o Governo e líderes integralistas:

Cheguei a 21 de fevereiro. Em fins de março, o Presidente chamou-me uma tarde a Petrópolis. Pediu minhas impressões sobre minhas viagens. Falou, depois, sobre o Museu. Toquei no nosso assunto e ele respondeu, textualmente:

- Este é o nosso primeiro encontro... Precisamos conversar detidamente...

9 CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1976, p. 199.

Fui recebido por ele em 14 de outubro, às quatro horas da tarde. Muito amável. Leu o manifesto e, após uma pausa, falou textualmente:

- É um documento elevado... Está bem que fique no conhecimento do governo e dos seus companheiros. Agradeço-o e agradeço sua atuação, seu Gustavo, pois você tem sido amigo do Plínio, dos seus companheiros e meu.<sup>10</sup>

Com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra e devido a pressões contra o Integralismo, Gustavo Barroso se voltou apenas às suas atividades literárias e burocráticas. Mesmo assim continuou a desfrutar do apoio oficial de outros presidentes. Em 1951, por exemplo, foi representar o governo brasileiro, como embaixador, na posse do Presidente do Uruguai. Em 1954 também participou da posse do Presidente do Peru e, em 1957, esteve em missão, como embaixador, no Uruguai e visitou o Chile. Curioso é que, após 1945, com o regresso de Plínio à política, Gustavo Barroso não mais voltou a atuar nesse setor. Provavelmente a permanência como alto funcionário do Governo e a situação de “intelectual” respeitado lhe fossem mais cômodas e compensadoras. E, apesar de parte de sua produção pseudo-histórica e de suas contradições, enquanto ativista político, chegou a receber o título de “Doutor *Honoris Causa*”, em 1959. Por ironia do destino, veio a falecer nesse mesmo ano.

## O CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA

Paradoxalmente, enquanto nascia o intelectual que seria um ferrenho combatente do capitalismo, na sociedade da época, “a ética burguesa”, que defendia a “liberdade na ordem, o trabalho na paz” se fortalecia entre as elites<sup>11</sup>.

Visualizando a situação dos judeus, no panorama europeu quando do nascimento de Gustavo Barroso, constatar-se-á que o próprio desenvolvimento da urbanização e do capitalismo, no Ocidente, foram propícias à integração econômica e social deles. Segundo adverte Hans Kohn, foi

10 SALGADO, Plínio. **O Integralismo perante a Nação**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira. 1950, p. 175-177.

11 Vide HARDEMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma**. A Modernidade na Selva – São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 89.

exatamente o antagonismo aos ideais iluministas e ao sistema capitalista que estimulou a reação aos judeus na Europa Central e Oriental<sup>12</sup>. Observa-se que, no final do século, principalmente nos países do Leste europeu, os judeus ganharam terreno em termos de participação social ou mesmo de produção cultural. No final do século, o liberalismo recuaria ante os crescentes movimentos nacionalistas, como ocorreria em Viena. Nessa capital, em 1896, Theodor Herzl, ao perceber o peso das manifestações contra os judeus, publicou o panfleto “*Der Judenstadt*” (O Estado Judeu) onde supunha que a criação de um tal Estado poria um ponto final no antissemitismo, “... ao dar ao povo sem-terra uma terra sem povo.”<sup>13</sup>. Para melhor se entender o significado do programa integralista torna-se necessário procurar situá-lo no contexto histórico do seu surgimento e da sua extinção, como força partidária.

Na estrutura econômico-social se encontram as bases fundamentais para vislumbrar o período nacional em foco. Assim, com a implantação da República Nova e em decorrência da queda do preço do café, no mercado internacional, o Governo Federal passou a comprar o excedente, em substituição ao governo de São Paulo, para amenizar os efeitos da crise. No Nordeste, o problema agrário também se fez sentir com o declínio do preço do açúcar e a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), na tentativa de amenizar o impasse vivido.

No panorama social da época figuravam as classes agrárias e a chamada “grande burguesia”<sup>14</sup>, na disputa pela hegemonia do poder, embora a “pequena burguesia” e os operários também constituíssem forças atuantes. As contradições sociais se apresentavam no próprio bojo das oligarquias, pois com o crescimento da produção industrial, que iria igualar-se ao da agricultura nos anos de 1933-1934, ocorria, assim, a

12 KOHN, Hans. “O Sião e a Ideia Nacional Judaica”. In: \_\_\_\_\_. **Reflexão sobre a História Moderna**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1963, pág. 231. Sobre esse assunto, veja-se também as observações de Gramsci, **Cartas do Cárcere**, 3ª. Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987, p. 236 a 239.

13 IBID., pp. 234-235.

14 O uso e abuso do termo burguesia contradiz a real história da nossa formação política e social. Falar em “grande burguesia” no cenário político do Sudeste, principalmente em São Paulo, na primeira metade do século passado tem a sua razão de ser, mas se formos considerar considerá-la como agente histórico no nordeste do país, a situação era bem outra. Os “donos do poder” em sua maioria eram os grandes proprietários de terras.

transferência de parte do poder político e social das oligarquias para a burguesia<sup>15</sup>. Isso em relação ao sudeste, porque nas demais regiões, nas outrora “Províncias do Norte”, a situação política e social pouco foi alterada. Cabe ressaltar que uma parcela considerável da indústria e dos bancos foi instalada com capitais oriundos da agricultura e da pecuária. Desse modo, essa dita “burguesia” e as classes agrárias se não formavam um todo homogêneo também não constituíam polos opostos no cenário nacional. Aliás, com o próprio crescimento do setor industrial, constatava-se o fortalecimento de uma mentalidade mais urbana e empresarial, face a crescente valorização do setor industrial, através do emprego de técnicas especializadas. De qualquer modo se registrou uma fase de transição, nesse período, em relação à superação do predomínio social e político das classes agrárias. A “classe média” e a “classe operária” também cresciam. Todavia, apesar das mudanças ocorridas, as classes dominantes, presentes tanto no setor agrário quanto nos grandes polos urbanos, usufruíram de um ponto comum expresso através de uma ideologia conservadora. Através desse quadro é que se pode melhor entender a ideia de um federalismo em São Paulo, de um legalismo que levaria a burguesia a romper com o Governo Central, através da Revolução Constitucionalista de 1932. Cabe salientar ainda que o próprio tenentismo representava um fator de preocupações para as classes dominantes, que insistiam em preservar os seus privilégios. A classe média buscava uma maior participação política, embora em grande parte continuasse na dependência política e ideológica das classes dirigentes. Os operários cresciam, quantitativamente, embora não obtivessem maiores oportunidades na esfera política.

Além dos setores dominantes e centristas, despontavam os movimentos de extrema direita, como o idealizado pela Legião Cearense do Trabalho, considerada, por Carone, como fascista<sup>16</sup>. Tal classificação, entretanto, cai no simplismo, uma vez que mesmo sendo uma vertente de direita, a Legião Cearense teve suas especificidades e, apesar de encampada pelo integralismo, levou seu líder a romper com Plínio Salgado, exatamente em função de uma discrepância ideológica. João Alfredo de Souza Montenegro aponta essa questão e declara:

15 Vide CARONE, Edgard. **A República Nova. (1930-1937)**. São Paulo, DIFEL, 1974, p. 82.

16 CARONE, E. op. cit., p. 96.

... o credo verde recebia no Ceará aspectos peculiares e inéditos, proporcionando “acréscimos” ao dominante embasamento pliniano. O que se deveu em primeiro lugar ao elevado protagonismo de um Severino Sombra, cuja atividade na concepção e na organização do braço operário do integralismo entre nós, sem falar nas reflexões que tecem em torno da quadra revolucionária do período, e ao redor do catolicismo social que emergia vigorosamente na década anos 30, é algo indiscutível.<sup>17</sup>

Paralelamente, na Europa, a situação tornava-se cada vez mais contraditória e confusa. Desde novembro de 1926 Mussolini, na presidência do Conselho de Ministros italianos, decidia suprimir todos os partidos políticos e jornais antifascistas, lançando o projeto de Lei para defesa do Estado, atribuindo autonomia a um tribunal especial, que instituía a pena de morte. Teve início, assim, o período mais radical da ação fascista. Na Alemanha, Adolf Hitler tornou-se Chanceler, abrindo o período de transição entre as instituições da República de Weimar e os do Terceiro Reich. Começava a “Revolução Cultural” que levaria a Alemanha a afastar-se do restante da Europa, centrando-se a propaganda nazista na valorização faz guerras e do exército nacional<sup>18</sup>.

Enquanto isso, no Brasil, a AIB e a Aliança Nacional Libertadora (ANL) passaram a disputar a adesão de organização a cargo da denominada “pequena burguesia”, mas as próprias contradições existentes no meio dessa classe levaram grande parcela da mesma a apoiar-se em Vargas, como garantia de manutenção da ordem. Uma parte daquela “pequena burguesia” abandonou a ANL, após sua condenação pelo governo em 1935.

Acerca da “classe operária”,<sup>19</sup> pode-se dizer que o Integralismo pouco a absorveu, constituindo muito mais um movimento de classe média.

17 **O Integralismo no Ceará. Variações Ideológicas.** Fortaleza, Imp. Oficial do Ceará, 1986, p. 18.

18 Vide TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **O Antissemitismo na Era Vargas (1930-1945).** São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 66-69 e KOHN, H. Op. Cit. p. 275.

19 Vale lembrar que, atualmente, o conceito de classe social passou a ser compreendido não mais como uma demonstração homogênea de uma rígida divisão social, geralmente visualizada através do emprego de um rigor conceitual, baseado nos meios de produção, mas merece ser considerado que “As noções de espaço social, de espaço simbólico ou de classe social não são, nunca, examinadas em si mesmas ou por si mesmas; .... [afinal], “... não podemos capturar a

Mesmo no Ceará, onde se atribui uma forte presença desse segmento no movimento, cabe lembrar que o operariado não representava um segmento de relevância no quadro político local<sup>20</sup>.

Com a Constituição de 1934, Vargas foi eleito indiretamente para a Presidência. Pelas eleições desse ano para as assembleias estaduais constituintes, os situacionistas ganharam na maioria dos Estados. Uma das exceções, além de Mato Grosso, foi o Ceará, onde a LEC saiu vitoriosa frente ao PSD. Face ao surgimento da Revolta Comunista de 1935, a liderança da AIN logo divisaria a possibilidade de consolidação do seu poderio, devido ao afastamento de seu principal concorrente, como comprova a imprensa integralista:

A 26 de novembro de 1935, Plínio Salgado... encontrava-se em Alagoas, em viagem pelo Nordeste, de propaganda da doutrina do Sigma. Lá, foi surpreendido pela revolução comunista, que estourara em Natal, alastrando-se depois pelo Ceará e Pernambuco.

Foi quando Chefe Nacional... resolveu endereçar ao Exmo., Sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, o telegrama... Neste despacho, Plínio... punha à disposição do Supremo Magistrado da Nação, 100.000 integralistas prontos para a defesa da ordem constituída e para garantia da família brasileira.<sup>21</sup>

Em novembro do ano anterior, enquanto a Liga Eleitoral Católica obtivera 23.780 votos contra 21.082 no Ceará, em São Paulo o integralista João C. Fairbanks foi eleito deputado com 9.914 votos. Se consideramos, porém, 03 420.652 eleitores, o integralismo atingiu apenas o percentual de 2,1% contra 52,5% do P. C., coligação “Tudo por São Paulo”, 28,5% do PRP (Partido Republicano Paulista), e 2,3% da Coligação Proletária<sup>22</sup>.

---

lógica mais profunda do mundo social a não ser submergido na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la...”. Vide BOURDIEU, Pierre in **Razões Práticas**. Sobre a Teoria da Ação. 7ª. ed. Campinas, SP: papiros, 1996, p. 14 e 15.

- 20 Veja-se CHAUI, M. “Apontamentos para uma Crítica da Ação Integralista Brasileira”, *In*: \_\_\_\_\_ e FRANCO, Maria Sylvania Carvalho. **Ideologia e Mobilização Popular**. São Paulo, Paz e Terra, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1978, p. 94 e PARENTE, J. C. Op. Cit., p. 35.
- 21 Jornal **A Ação**. São Paulo, 26 de novembro de 1936, fl. 1.
- 22 Jornal **O ESTADO DE SÃO PAULO**, de 23 de novembro de 1934, fls. 2 e 27; dez. de

Os estatutos da AIB tinham sido aprovados no Congresso Integralista, em 1934, quando Severino Sombra concorreu com Plínio à chefia do partido. Interessante é que Sombra concorreu com Plínio à chefia do partido. Interessante é que Sombra não reconhecia em Plínio espírito de liderança, considerando-o tímido ante um Góis Monteiro ou um Francisco Campos, o que teria provocado o fracasso da AIB. O seu rompimento com o partido é bastante polêmico. Para Helgio Trindade, decorreu “do seu fracasso e de discordâncias”, no pleito realizado<sup>23</sup>. Sombra, no entanto, deu a sua versão:

Só aceitei entrar no Integralismo com a condição dessa doutrina (a doutrina fascista, totalitária, anticristã de Plínio Salgado) não ser a oficial do movimento, e a doutrina a ser definida no Congresso de Vitória. E quando vi que esse congresso não ia realmente fazer uma reforma, não ia realizar-se como eu pensava, eu rompi com o Plínio.<sup>24</sup>

Compreende-se, pois, a decisão de confiar a direção do Partido a Plínio Salgado. Os chefes e os secretários nacionais da organização teriam apenas uma função complementar.

Com o fechamento da ANL, em julho de 1935, só os radicais persistiram. Em novembro, com o levante comunista, os poderes cada vez mais se concentraram nas mãos de Getúlio, com a Decretação do “Estado de Sítio”, prisões de comunistas, inclusive senadores e deputados.

Como prova do poder centralizador do partido, observe-se o ocorrido em maio de 1937. Antes da apuração dos votos do plebiscito interno da AIB, para escolha do candidato à Presidência da República, o jornal “*Acção*” já concentrava em Plínio, a esmagadora maioria esperada, pois

o grande Plebiscito Popular – a apuração do plebiscito integralista, realizado em todo o país dará, ao que

---

1934 fl. 5. Vale salientar que o PC elegeu 21 deputados federais e 36 estaduais. O PRP 13 federais e 22 estaduais; e o Integralista 1 deputado estadual. Jornal **O ESTADO DE SÃO PAULO**, 25 dez. 1934, fl. 4.

23 **Integralismo e Fascismo Brasileiro na Década de 30**. São Paulo, DIFEL, 1978, p. 124.

24 Entrevista realizada com Severino Sombra, Rio de Janeiro em julho de 1982, *In*: MONTENEGRO, J. Alfredo de S., op. cit., p. 26.

conseguimos apurar, uma maioria esmagadora de votos ao Sr. Plínio Salgado, sendo quasi nullos os suffragios concedidos a outros candidatos.<sup>25</sup>

Em meados desse ano, o Governo ainda dava apoio ao integralismo, conforme atesta o próprio Ministro da Justiça:

...as agremiações que visavam a destruição do regime democrática em vigor foram todas dissolvidas não sendo atingida a ‘Acção integralista Brasileira’, legalmente, registrada no Superior Tribunal Eleitoral.<sup>26</sup>

A maioria dos governadores apoiaria o golpe, com exceção dos do Rio Grande do Sul, da Bahia e de Pernambuco. A Constituição que Francisco Campos redigira, no final de 1936, no primeiro semestre do ano seguinte, seria analisada por Benedito Valadares, Plínio Salgado e Góes Monteiro. Desse modo, é por demais valiosa a interpretação de E. Carone sobre o papel político do líder integralista, que alimentava o sonho da AIB tornar-se o único partido do novo regime. Contudo, “entre seu desejo e a realidade, a distância é longa e as ilusões são grandes.”<sup>27</sup>

Em 10 de novembro de 1937, após cercados o Senado e a Câmara, Getúlio leu a nova Constituição. Com o fim da autonomia dos Estados e a dissolução dos partidos, em dezembro, a AIB passou a ser intitulada Associação Brasileira de Cultura. Conforme se constata, no jornal “O Estado de São Paulo”:

25 *Jornal Acção*. São Paulo, 26 mar. de 1937, fl. 1. Na verdade, Plínio obteve 846.554 votos, G. Barroso 13.397 e Miguel Reale 164. Vide **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro** cit., p. 336 e *Jornal Acção*, 04 de junho de 1937, p. 1. Como comprovação do dirigismo personalista de Plínio frente ao Partido, observe-se a regulamentação acerca do plebiscito para escolha do candidato à Presidência da República: “Regulamento do grande plebiscito de 23 de maio... V) Do modo de votar. Art. 179. Nas sessões plebiscitárias os integralistas devidamente inscriptos votarão, um por um, da seguinte forma: 1º) Assinará o livro competente e escreverão o nome do candidato de sua predileção na columna seguinte. 2º) feito isso, o votante se voltará para os companheiros que assistirem ao seu voto e dirá em voz alta: “voltei em fulano de tal.” Assignado – Plínio Salgado – Chefe – Everaldo Leite, Presidente da J.E.N.O.C.”. Vide também Resolução do Chefe Nacional da AIB, de 24 de abril de 1937. In: *Jornal Acção*, 26 abr. de 1937, p. 1.

26 Ofício do Ministro da Justiça Agamenon Magalhães à Câmara dos Deputados sobre a AIB, transcrito. In: *Jornal Acção*. São Paulo, 23 de janeiro de 1937, fl. 1.

27 **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro, DIFEL, 1976. p. 194.

Foram dissolvidas as organizações Político-Partidárias. Com a nova medida ontem decretada, fica o poder público habilitado a promover a formação do Partido Único, que é o único aparelho compatível com o regime instituído pela nova Carta.

Logo que os vespertinos de hoje estamparam a informação de que haviam sido dissolvidos todos os partidos políticos registrados no Extincto Tribunal Eleitoral, incluindo nesse número a Acção Integralista... observa-se que a dissolução, em 10 de novembro, das Casas do Poder Legislativo e hoje das organizações partidárias, são os actos do governo que mais têm ocorrido para levar o público em geral a apprehender o espírito do novo regime. O fechamento dos núcleos integralistas, a que a polícia imediatamente deu início, despertou surpresa em certos círculos, em vista de boatos que haviam sido ultimamente postos em circulação.<sup>28</sup>

Vale destacar que, inicialmente, Getúlio manifestara-se a favor do integralismo, mas, na realidade, o que lhe interessava era o apoio deste, para consolidar o seu centralismo. Assim, em março de 1937, por exemplo, em Poços de Caldas, chegara a elogiar o Integralismo:

... à pergunta do Dr. Brito Vianna, se os camisas-verdes têm causado qualquer perturbação ao governo federal, S. Excia afirmou: - 'Não. Ao contrário, os integralistas têm me ajudado bastante na manutenção da ordem.'

Referindo-se, em seguida, às sessões da Liga de Defesa Nacional, às quaes os camisas-verdes têm comparecido em massa, o Sr. Presidente disse:

‘- Realmente, em todas ellas os integralistas têm dado uma nota brilhante, constituindo a maioria da assistência.’<sup>29</sup>

28 Jornal **O Estado de São Paulo**, 04 de dezembro de 1937, p. 1. No mesmo periódico foi publicado o Decreto Lei n. 237, de 02 dezembro, dispondo sobre os partidos políticos. Segundo o art. 2º: “É vedado o uso de uniformes, estandartes, distintivos e outros symbolos de partidos políticos...”.

29 Jornal *Acção*, 06 de março de 1937, fl. 1.

Nem a promessa de Francisco Campos da AIB ser a base do Estado Novo, nem a promessa de o Ministério da Educação ser ocupado por Gustavo Barroso se tornaram realidade. E os planos integralistas, apesar do arroubo que os alimentara, não passaram de ilusões desfeitas...

## A IDEIA DE HISTÓRIA E O ANTISSEMITISMO

A concepção de História em Gustavo Barroso, expressa não apenas na sua incisiva campanha antijudaica, mas também na maioria dos seus trabalhos, destaca-se como a grande nódoa de sua produção intelectual. O estilo rebuscado é bastante “criativo” e, provavelmente, deve ter exercido um peso de influência, além de prestígio pessoal à sua escolha para a Academia Brasileira de Letras. Para caracterizar o valor estilístico de Barroso, nada melhor do que utilizar o comentário de Robert M. Levine:

Barroso’s books, generally well written although inflammatory, sold well. He fancied himself a historian and, like Salgado, a folklorist.<sup>30</sup>

A utilização de argumentos absurdos e contraditórios por Barroso, provavelmente ofuscou seu peso “literário” com o tempo, apesar de tão decantado pelos seus admiradores da época. Embora a comparação possa parecer um exagero anacrônico, o grande número de obras produzidas por ele permite uma comparação com o romancista Jorge Amado. Claro que constituem dois polos antagônicos, considerando suas experiências políticas e o próprio teor de seus trabalhos. No entanto, foram militantes políticos e depois abstiveram-se de um engajamento concreto. Em ambos encontrar-se-á a repetição contínua de argumentos, embora esse último tenha conseguido explorar, com mais argúcia, o confronto entre os valores da cultura popular e os da classe dominante. Em Gustavo, o retorno temático é cíclico, apesar da variedade de títulos elencados, sobretudo no que tange à temática integralista. Nela encontra-se sempre a super exaltação dos valores imaginários do partido e a busca da presença judaica para rechaçá-la insistentemente. Não obstante, o original e antagônico, entre

30 **The Vargas Regime.** The Critical Years. 1934-1938. New York, Columbia University Press, 1977, p. 89. (NR: *Os livros de Barroso, geralmente bem escritos, embora inflamados, venderam bem. Fantasiava-se de historiador e, como Salgado, de folclorista*).

ambos, é que Jorge Amado explorou o trivial e o popular, enquanto Gustavo Barroso se concentrou no elitismo e no imaginário de tipos redentores.

Quanto à caracterização do seu conceito de História, isto fica bem explícito logo no princípio de sua obra “História Secreta do Brasil” (Primeira Parte), onde afirma:

A história não é propriamente uma ciência; é antes uma arte. Muitos espíritos avançados do século XIX se reforçaram para dar à história esse conceito científico. Havia a mania generalizada do cientificismo. Seus esforços, porém, como que se anularam ante a concepção atual da história. O espírito do século XX é outro e não admite mais esses exageros do cientificismo generalizado, que rendo impor a todos os departamentos e categorias do pensamento, humano seus cânones empíricos ou pragmáticos.<sup>31</sup>

A ideia de não considerar a História como ciência, levando-se em conta as novas vertentes da História, nas últimas décadas, tem a sua razão de ser, de acordo com os “Novos Problemas”, as “Novas Abordagens” e os “Novos Objetos,”<sup>32</sup> mas na época da publicação dessa “História Secreta do Brasil”, tal versão era considerada descabida, pois se afirmava que o autor não apresentava argumentos cabíveis para fundamentar sua interpretação. Na verdade, considerando os demais argumentos, o discurso por Ele apresentado se projetava no vazio, exatamente pela falta de uma análise mais bem fundamentada ao definir o “elo de transformação” da concepção de História. Veja-se, sobre isso, a digressão do autor:

Para que a História deixe de ser uma cronologia seca, um rol de fórmulas mnemônicas, é necessário iluminá-la

31 BARROSO, G. **História Secreta do Brasil**. Do Descobrimento à Abdicação de D. Pedro I, 2ª. Ed. São Paulo, Nacional, 1937, p. 13.

32 Cf. Le Goff, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novos Problemas; História: Novas Abordagens e História: Novos Objetos*. São três livros publicados pela F. Alves, Rio de Janeiro, 1976. Mas nessa data a vertente mais em voga nas pós-graduações do país ainda era a História Social e/ou a História Econômica, com base nas versões marxistas. No final do século passado e sobretudo nas duas últimas décadas, a História Cultural tem sido mais explorada, permitindo novas versões, onde sensibilidades e sociabilidades se entrecruzam.

com o esplendor solar das ideias, com a luz maravilhosa de vida espiritual.<sup>33</sup>

Curiosamente, nos treze capítulos da obra acima referida, sempre o responsável pelos problemas, ocorridos ao curso do processo histórico, quando não é o judeu é a maçonaria. Especialmente ao referir-se aos judeus, a aversão expressa compromete, inclusive, o estilo da obra que a apresentava como histórica: “... o judeuzinho de Gôa o Cristão-novo Fernando de Noronha...”<sup>34</sup>. E, no Capítulo III, intitulado “Tráfico de Carne Humana”, atribui ao judeu o início da escravidão:

Visando os lucros fáceis do comércio de escravaria, por si ou pelos seus pressupostos, a judiaria da Espanha e Portugal se entregou ao tráfico. Toda a Europa, depois, seguiu o horrível exemplo.<sup>35</sup>

Ao rebater as críticas de Néelson Werneck Sodré, publicadas no “Correio Paulistano” sobre o I volume de “História Secreta do Brasil”, constata-se a ausência de uma argumentação séria em Barroso, além da xingação chinfrim:

...Néelson, apelido de família e um almirante inglês, figurando como nome de batismo; Werneck, com um cheirinho ao longe de judaísmo e Sodré, sem sonoridade, sem harmonia.

Apesar de classificar a história como uma arte para a compreensão, e não uma ciência, declara que ela deve ser tratada poeticamente, como aprendeu com Osvaldo Spengler. E, novamente, parte para uma argumentação vazia, ao falar de suas origens:

O sr. Werneck refere-se à nossa herança de ódios germânicos contra os judeus. Com efeito, somos germânicos por parte de mãe, e já nos demos ao trabalho de rastrear

33 BARROSO, G., *op. Cit.*, p. 13.

34 *Ibid.*, p. 27.

35 *Ibid.*, p. 49.

a ascendência teutônica. Somos dos Dodt e dos Von Lanzhechr de Danzig. Nem uma gota de sangue israelita. A ascendência paternal se entronca nos Cunha e nos Barroso de Alentejo.<sup>36</sup>

É claro que a aversão ao judeu não se deveu exclusivamente ao nazismo, conforme se comentou no início deste trabalho. Desde a Idade Média, sabe-se do escárnio público que lhe era imputado, principalmente durante as comemorações da Semana Santa. Foi sobretudo a partir dos anos vinte deste século, com a difusão em larga escala do Protocolo dos Sábios de Sião, obra deturpada intencionalmente para atribuir aos judeus a intenção de um domínio internacional, que o antissemitismo foi incrementado na Rússia, na Alemanha e, inclusive na América Latina<sup>37</sup>.

Sabe-se que outro “ponto-chave” da propaganda integralista fundamentava-se no enaltecimento às forças morais, reconhecidas como propiciadoras das relações sociais. Desse modo, Gustavo Barroso apregoava que:

...A revolução Integralista é uma revolução de almas. Quanto mais profunda for a transformação interior em nós mesmos, tanto mais luminosa e potente e projeção das consequências dessa revolução.<sup>38</sup>

Por outro lado, ao enaltecer Tibiriçá, o chefe dos Guaianazes de Piratininga, devida à sua conversão ao cristianismo, por Anchieta, Gustavo Barroso solta a sua poética histórica, idealizando um fraterno conagraçamento de raças sob a tutela acolhedora da religião católica:

36 BARROSO, G. **A Sinagoga Paulista**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro, ABC, MCMXXX II: 1937, pp. 188, 191 e 194/195.

37 Para uma melhor compreensão das raízes do antissemitismo, veja-se OMEGNA, Néelson. **Diabolização dos Judeus**. Martírio e presença dos sefardins no Brasil Colonial. Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 1969, especialmente as pp. 9/10 e 15/16.

Como é por demais conhecido, a obra **Protocolo dos Sábios do Sião** foi prefaciada e traduzida por Gustavo Barroso, em 1936. Vide TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. Op. Cit. p. 356 e BARROSO, **O que o integralista deve saber**. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1935, pp. 130-133, onde o autor propõe 22 pontos do Programa Integralista contra os “Protocolos”, pois considera a questão judaica não um problema religioso ou racial, mas uma questão política.

38 BARROSO, Gustavo. **Reflexões de um Bode**. Rio de Janeiro, Gráfica Educadora, s/d, p. 170.

Testemunha e personagem das principais, nessa época de fé e elevação moral, o morubixaba foi, na verdade, o laço que uniu no mesmo instintivo desejo de progresso, no mesmo anseio de futuro o índio bravo e o aventureiro civilizado sob os laços acolhedores, pacificadores e luminares da Cruz.<sup>39</sup>

Não obstante, é um jesuíta missionário do período colonial, quem desfaz esta visão ao escrever a respeito: "... do ódio geral que os christãos têm ao gentio." Em outra carta, dirigida ao Pe. Mestre Simão, Manoel da Nóbrega afirmava que "... os primeiros escândalos são por parte dos christãos..." e acrescenta que os índios "... fazem vantagem aos christãos, porque melhor moralmente vivem e guardam melhor a lei da natureza."<sup>40</sup>

Gustavo Barroso vai mais além, ao esclarecer a diferença entre Civilização e Cultura. Assim, para ele, a filosofia, religião, moral, direito, língua, arte e política são derivados da cultura espiritual, enquanto os atinentes à ordem material pertencem à Civilização. Em conclusão, achava que a força moral nascia da Cultura idealizada<sup>41</sup>. E prossegue, lançando suas "luzes" à compreensão histórica.

Ao abordar o papel dos bandeirantes que, impulsionados por um sonho mesclado a uma brutal ambição, deixaram nas nossas fronteiras o testemunho de mártires-heróis, insiste em estabelecer uma correlação deles com os ideais integralistas:

...surtem agora bandos de Camisas-Verdes, armados de patriotismo e couraçados de fé, dispostos a varrer a cambada de aventureiros de toda a espécie que se apoderou do Poder.<sup>42</sup>

39 \_\_\_\_\_ . **Segredos e Reflexões da História do Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1958, p. 28. Também nessa obra extravasa sua veneração a D. Pedro I, através de um excesso de adjetivação: "Os povos sempre gostaram dos Reis Cavaleiros como D. Pedro I, guerreiros, esportivos, decididos, acessíveis, estabnanados, obedientes aos seus instintos e impulsos naturais" (p. 123).

40 Vide **Cartas Jesuíticas. Cartas do Brasil**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886, p. 56 e 150.

41 Vide VASCONCELOS, Gilberto. **Ideologia Curupira**. Análise do Discurso Integralista. São Paulo, Brasiliense, 1978, pp. 71 e 73.

42 BARROSO, G. **A Palavra e o Pensamento Integralista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935, p. 15.

Contudo, o pensamento de Gustavo Barroso não representava a única visão, presente ao Partido Integralista. Enquanto grande parte de seus companheiros apoiava-se no fascismo italiano e lusitano, ele se aproximava muito mais do radicalismo alemão, embora quisesse reconhecer a originalidade do movimento integralista:

O Integralismo e o Nazismo têm pontos de contato doutrinário gerais, mas Integralismo é uma causa e nazismo outra. O Integralismo, considera a realidade brasileira. O nazismo considera a realidade alemã. Também a questão judaica aqui se não apresenta sob o mesmo aspecto.<sup>43</sup>

A especificidade que reconhece no Integralismo estaria, em última análise, na tendência multirracial, que reconhecia, inclusive, a mistura de raças, desde que não houvesse a presença judaica:

No Brasil, não temos nem devemos ter preconceitos na seita ou de raça. Devemos querer que se fundem num só corpo e, mais ainda, num só espírito os brasileiros de todas as cores, credos e procedências.

E acrescenta:

... judaísmo contraria a união nacional e se sobrepõe ao destino do Brasil. Eis a razão por que o Integralismo tem de se afirmar antijudaico.<sup>44</sup>

No combate ao Capitalismo, observa-se a particularidade de associá-lo, muitas vezes, à presença judaica. Sonhava, pois com uma autonomia em relação às potências europeias. Na sua retórica apoteótica, apontava como solução “salvar o Brasil das orgias democráticas e dos bacanais comunistas.”<sup>45</sup>

Um dos pontos associados à intransigência de Gustavo Barroso, em suas atitudes partidárias, diz respeito à sua atuação na Academia Brasileira

43 \_\_\_\_\_, **Integralismo e Catolicismo**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, ABC, MCMXXXVII: 1937, p. 114.

44 **Espírito do século XX**. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1936, p. 78 e 79.

45 \_\_\_\_\_, **A Palavra e o Pensamento Integralista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935, p. 5.

de Letras. Conforme salienta Robert Levine, ele tencionava fazer, até da Academia, um reduto do Integralismo. Curiosa era a passividade dos colegas acadêmicos, que sempre o respeitavam mesmo quando combatia os judeus<sup>46</sup>. Aliás, o antissemitismo de Gustavo Barroso constituía motivo de discordância com o próprio Plínio Salgado. Comenta-se, inclusive, que o líder integralista mantinha relações de amizade com alguns descendentes judeus, levando-o a endossar o boicote que, num período de seis meses, o jornal “Ofensivo” fizera a Gustavo, em virtude de um artigo publicado em 1934, na revista “Fon-Fon”.

Para um intelectual respeitado por sua atuação em órgãos governamentais, incluindo-se as suas funções diplomáticas, tornam-se incongruentes e absurdas diversas generalizações apresentadas pelo autor, principalmente relacionadas aos judeus. Se em uma obra os considera “...ignorantes, charlatães, pretenciosos, usuários, falsos e sujos, prejudiciais, até à higiene pública”, mesmo em suas memórias, insiste no problema:

...Edmundo Levi, joalheiro, baixotinho e barrigudinho, verdadeiro porco baé, que morreu maluco, subindo pelas paredes, vítima de uma das taras da raça.

E acrescenta:

Ignorava completamente na insciência de meus onze anos seu papel de lagartos rosados da sociedade cristã, com algumas exceções, sem dúvida, de perigosos parasitas secretamente organizados e de fermentos ruinosos para a saúde material e moral dos povos.<sup>47</sup>

Face ao exposto, percebe-se, portanto, a dimensão do pensamento de Gustavo Barroso, mesmo situando-o nos horizontes da cultura brasileira da década de trinta.

---

46 LEVINE, Robert M. Op. Cit., p. 89.

47 **O Espírito do Século XX**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936, p. 75 e **Liceu do Ceará**. Rio de Janeiro, Getúlio Costa, 1940, p. 50/51.

## OUTROS HORIZONTES INTELECTUAIS

Não interessa aqui traçar um quadro depreciativo acerca do posicionamento de intelectuais brasileiros da época, face à crescente força de direita, que grassava na Europa. Uma análise serena da ideologia do período é suficiente para se compreender, por exemplo, por que futuros esquerdistas se sentiam “satisfeitos” com o esquema produzido pelo Integralismo no contexto sociopolítico da época. A meta era atingir um sistema ideal, longe dos perigos e limitações do Capitalismo ou do Comunismo, além de propiciar o equilíbrio de pensamento, capaz de se constituir uma “solução final”. Sem dúvida, eram ufanismo e otimismo sentimentais inadequados a uma análise de quadro real. Muitos desses integrantes entusiastas, ao descobrirem o vazio da ideologia integralista, buscaram novas tendências ou partidos.

Apesar da febre integralista, é bom não esquecer que além dos intelectuais tradicionais, também havia outras tendências, como a expressa por Graciliano Ramos. Igualmente, é sabido que muitos integralistas foram encontrar em outras vertentes ideológicas, principalmente de esquerda, a resposta desejada para um engajamento mais comprometido com as perspectivas de mudanças esboçadas na vida nacional. É o caso, por exemplo, de um Padre Helder Câmara ou mesmo de um Jeová Mota, diferentes de um Plínio Salgado que, com posições contrastantes, pregava mudanças e depois negaria a sua responsabilidade no movimento de revolta integralista de 1938 ou mesmo de um Barroso, sempre aliado e submisso ao bloco do poder. Neste contexto, cabe destacar, ainda, a simpatia de Vinícius de Moraes, pelo movimento integralista. Isso fica patente, através de sua colaboração ao mensário “Anauê”, do Rio de Janeiro, exatamente na época em que comungava com a ideologia espiritualista da Igreja Católica<sup>48</sup>.

Examinando-se os pronunciamentos do Pe. Helder, na época, constatar-se-á, em muitos deles, uma visão não tão à direita. Pelo depoimento e comentário, divulgados pelo periódico integralista, percebe-se a posição do jovem militante:

Burguez! – Dizes que amas a tua família, mas pagas um salário de fome ao trabalhador.

48 Jornal *Acção*. São Paulo, 7 mai. 1937. Fl. 3.

Affirmou o Padre Helder Câmara, estudando o problema do comunismo.

Em seguida, se referiu ao horror do comunismo alimentado pelos burgueses. Contudo, afirma sinceridade. Eles ao menos rompem com todos os preconceitos, não são como os ricos burgueses que vão à missa, comungam, acompanham procissões, se deixam dominar pela ganância, oprimem as massas proletárias contribuem para o desmoronamento das famílias dos pobres. Esses burgueses hypocritas consideram os operários, não como seus iguaes em Deus, mas sim como animaes, machinas, peor ainda. As machinas ao menos são bem cuidadas, estão sempre lustrosas ellas são capital dos ricos. Mas os operários podem ser substituídos...<sup>49</sup>

Entretanto, nesse mesmo ano o Pe. Helder passou a criticar o líder Severino Sombra, em decorrência do seu rompimento com o integralismo. E, para cessar o litígio entre o líder católico e o sacerdote, as autoridades eclesiásticas, convenceram o Pe. Helder a se transferir para o Rio de Janeiro. Sombra também condenara, em Plínio Salgado, o desrespeito às normas doutrinárias defendidas pela Igreja. Talvez o Pe. Helder visse na ruptura do líder local uma consequência de sua derrota ante o prestígio de Plínio. Paradoxalmente, o próprio rompimento do sacerdote com o Integralismo lembraria os argumentos de Sombra, que se concretizou quando percebeu que o lema “Deus, Pátria e Família” não repousava na mensagem cristã, identificando-se, ao contrário, com o fascismo de Mussolini, matizado pelo corporativismo<sup>50</sup>.

Um depoimento, a favor do Integralismo que chama a atenção, foi o de Monteiro Lobato. Talvez o apoio ao Partido de Plínio Salgado se fundamentasse mais na sua reação contra a política econômica intervencionista de Getúlio Vargas, mas, simultaneamente, se percebe seu acato ao extremismo de Gustavo Barroso:

49 Idem, *ibidem*, 20 mar. 1937, fl. 1.

50 MONTENEGRO, J. A. de S. Op. cit., p. 26 e 32. Entrevista com D. Helder Câmara, em Recife, Junho de 1984.

Toda a verdade sobre a nossa economia está no livro de Gustavo Barroso.

- Qual a solução então?

Monteiro Lobato deu gostosa gargalhada e continuou:

- Pau... Guatambú... Eu estou à espera de que vocês venham animar isso tudo. Porque hoje, a minha única esperança está em vocês integralistas.<sup>51</sup>

A posição da Igreja Católica, em relação ao Partido Integralista reflete, exatamente, uma ambiguidade às vezes, de forma cautelosa e reacionária. Isto fica evidente quando se considera que em certos momentos, apoiava o movimento, mas sem envolver-se em caráter oficial. Todavia, o seu papel foi decisivo, junto ao movimento integralista, objetivando agregar um maior número de católicos, pois a própria AIB começou como um segmento católico de direita. Entretanto, não há uma homogeneização de princípios, como se pode constatar com o rompimento de Severino Sombra ou quando da propalada candidatura de José Américo à Presidência, ocasião em que os bispos de Fortaleza e Sobral se manifestavam como imparciais, embora a LEC lhe desse o devido apoio. O interesse comum residia no intento de libertar o proletariado da miragem do socialismo russo como se constata em 1932, quando a fundação da Legião Cearense do Trabalho<sup>52</sup>. No entanto, para que sejam comprovados a simpatia e o apoio da Igreja ao Integralismo, basta que se analisem as declarações de vinte bispos a seu favor, divulgadas por Plínio Salgado<sup>53</sup>.

Alceu de Amoroso Lima, como representante do pensamento católico, também se iludiu com os ideais postulados pelo Integralismo. São Palavras suas:

51 Entrevista de Monteiro Lobato, *In*: Jornal *Acção*. São Paulo, 15 de outubro de 1936, p. 6.

52 Vide Editorial do jornal católico *O Nordeste*. Fortaleza, 2, 2. 1932, *apud* MONTENEGRO, Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará*, Fortaleza, UFC, 1980, p. 119; e PARENTE, J. C. Op. cit. p. 131.

53 SALGADO, P. Op. cit., p. 104-107. Outro testemunho de apoio da Igreja pode ser observado na obra do Pe. Evandro Guilherme, cujo objetivo consiste em apresentar " ... uma ideia da opinião do solidarismo e respeito do movimento fascista internacional". *In*: *Sistemas Fascistas*. RJ, ABC, 1937, p. 7.

... Se há realmente vocação política, confesso que não vejo outro partido que possa, como a Ação Integralista, satisfazer tão completamente as exigências de uma consciência católica, que se tenha libertado dos preconceitos liberais.<sup>54</sup>

Acima de tudo, Gustavo Barroso não foi apenas um integralista, mas um católico. Todavia, suas relações com a Igreja Católica não foram tão envolventes apesar de, oficialmente, se poder considerá-las amistosas e cordiais. Politicamente, também, suas ideias não representaram o pensamento legal do Partido Integralista. Apesar de seu fanatismo antisemita, foi tolerado tanto quando pelos seus correligionários, quanto pelo próprio governo.

## CONCLUSÃO

Analisar a produção intelectual de um radical, seja de extrema direita ou da esquerda mais atuante, a princípio parece uma opção de rediscutir o óbvio. Mas ao perscrutar os componentes básicos dessa ideologia, percebe-se que, por mais efêmera ou inconsistente que tenha sido, se floresceu foi porque as condições lhe foram propícias. Torna-se, porém, válido observar que tais condições comprovam a falta de um amadurecimento político, principalmente na classe média e em suas lideranças. O Integralismo vingou, no Brasil, em virtude do peso, a nível internacional, dos extremismos de direita e, principalmente, porque apesar de constituir uma doutrina ingênua e contraditória, longe de se amoldar a uma realidade concreta, ela foi extremamente útil ao Governo Vargas. Este, em diversas ocasiões, a usou como instrumento, a fim de garantir a centralização do poder. E seus principais agentes, Plínio Salgado e Gustavo Barroso, apesar de temporariamente afastados de suas funções, principalmente o segundo, voltaria a ser uma peça-chave na burocracia estatal, relacionada ao contexto cultural.

Muito embora o Integralismo tenha sido considerado “a página virada da História”<sup>55</sup>, os seus ex-membros continuariam, direta ou indiretamente,

54 Veja-se o depoimento na íntegra, *In*: SALGADO, P. Op. cit., p. 67. Vale ressaltar que Carlos Guilherme Mota reconhece em Alceu de Amoroso Lima um avançado defensor de um catolicismo crítico e, entretanto, não faz nenhuma ilusão ao apoio dado ao movimento integralista. Vide: **Ideologia da Cultura Brasileira**. São Paulo, Ática, 1977, p. 103.

55 FERNANDES, F. *In*: VASCONCELOS, Gilberto. Op. cit., p. 14.

engajados na conjuntura política da época. O movimento integralista foi meteórico, principalmente por ser ufanista e distanciado de uma realidade concreta. A digressão entre teoria e prática acentuou-se, gradativamente, pela inconsistência de seus próprios postulados. Sua moral, fora de uma visão do real, a nada levou.

Se as ideias de Gustavo Barroso tiveram ampla repercussão, não se deve apenas ao carisma de que desfrutava. É necessário reconhecer também que além do próprio Gustavo, a intelectualidade brasileira do período, em sua maioria, e no âmbito da Academia Brasileira de Letras, o deixou agir livremente compactuando com os próprios objetivos visados pelo Integralismo e pelo seu antissemitismo. Isso remete à análise de Gramsci, segundo a qual os “intelectuais tradicionais” na maioria das vezes, atuam de forma reacionária, bem diferentes dos “intelectuais orgânicos”, mais engajados na formação do bloco histórico. Esses representam um percentual bem inferior, se comparados aos do tipo tradicional. De qualquer forma os intelectuais sempre são “úteis” a uma classe, segmento ou indivíduos que controlam o poder, muitas vezes atuando como ideólogos ou mesmo executores auxiliares, no estabelecimento e na defesa dos valores político-econômicos, sociais ou mesmo morais, previamente definidos.

A relação Vargas e Integralistas, de que Gustavo Barroso é um exemplo *sui generis*, que nos remete à confirmação do pensamento de Gramsci:

O grupo no poder utiliza os intelectuais não somente para ganhar o apoio das massas, mas também para moldá-los ideologicamente e moralmente, de acordo com a sua própria visão do mundo.<sup>56</sup>

Mesmo não comungando a defesa de uma “História Cíclica”, no curso da História, o que parecia submerso em um “mar revolto” da temporalidade de repente se nos apresenta de uma forma brusca, fazendo ressurgir “valores desvalidos” que ameaçaram e ainda ameaçam a liberdade de ação e de expressão. E a crença em um possível redentor, um salvador nacional, acima dos partidos políticos sempre marcou a política brasileira,

---

56 MACCIOCHI, Maria-Antonieta. **A Favor de Gramsci**. Trad. Angelina Peralva. 2ª. Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1980, p. 185.

até hoje fragilizada com a inconsistência dos partidos políticos.<sup>57</sup> E assim continuamos “**Entre o Passado e o Futuro,**”

Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à sua “constante”, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro.<sup>58</sup>

Diante das condições e contradições da nossa História Política, a busca de uma verdade histórica, deixando à margem o valor simbólico dos ritos e dos mitos, “na construção do imaginário da nação”, não responde à pluralidade de questões que possam ser levantadas, afinal, “... verdade e mentira não são mais compreendidas de maneira binária e opositiva, mas como uma trama de elementos intercambiáveis que se dá na própria superfície da linguagem.”<sup>59</sup>

\*\*\*

## BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo. **A Palavra e o Pensamento Integralista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

\_\_\_\_\_. **A Sinagoga Paulista**. 3ª. Ed., Rio de Janeiro, ABC, MCMXXXVII: 1937.

\_\_\_\_\_. **O Que o Integralista Deve Saber**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

\_\_\_\_\_. **Espírito do Século XX**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936.

57 Vide SOUZA, Jessé. **A Elite Do Atraso**. Da Escravidão À Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre O Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

58 ARENDT, Hannah. **Entre O Passado E O Futuro**. São Paulo: editora Perspectiva S. A., 2000, p. 37.

59 Cf. DEALTRY, Giovanna Ferreira. Memória E Esquecimento Como Formas De Construção Do Imaginário Da Nação in LOPES, Luíz Paulo da Moita e BASTOS, Liliana Cabral. **Identities**. Recortes multi e interdisciplinares. (Organizadores). Campinas. SP: Mercado de Letras, 2002, p. 191.

\_\_\_\_\_. **Integralismo e Catolicismo**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, ABC, MCMXXXVII: 1937.

\_\_\_\_\_. **História Secreta do Brasil**. Primeira Parte: Do desenvolvimento à Abdicação de D. Pedro I. 2ª. Ed. São Paulo, Nacional, 1937.

\_\_\_\_\_. **O Integralismo e o Mundo**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.

\_\_\_\_\_. **Liceu do Ceará**. 2 vols. de “Memórias”. Rio de Janeiro, Ed. Getúlio Costa, 1940.

\_\_\_\_\_. **Segredos e Revelações da História do Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1958.

\_\_\_\_\_. **Terra do Sol** (Natureza e Costumes do Norte). 6ª. Ed., Fortaleza, Imp. Universitária do Ceará, 1962.

\_\_\_\_\_. **Reflexões de um Bode**. Rio de Janeiro, Gráfica Educadora, s/d.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a teoria da ação. 7ª.ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CARONE, Edgard. **A República Nova (1930-1937)**. São Paulo, DIFEL, 1974.

\_\_\_\_\_. **O Estado Novo (1937-1945)**. São Paulo, DIFEL, 1976.

CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado: Forma de Regressividade no Capitalismo Hipertardio**. São Paulo, Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e Mobilização Popular**. São Paulo, Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, Paz e Terra, 1978.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. Memória e Esquecimento Como Formas De Construção Do Imaginário Da Nação in LOPES, Luiz Paulo da Moita e BASTOS, Liliana Cabral. (Organizadores). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002, p. 189 – 200.

GUILHERME, (Pe.) Everaldo. **Solidarismo e os Sistemas Fascistas**. (Fascismo, Nacional-Socialismo, Salazarismo, Integralismo, etc.). Rio de Janeiro, ABC, 1937.

GRAMSCI, Antônio. **Cartas do Cárcere**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987.

HARDEMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma**. A Modernidade na Selva. São

Paulo, Companhia de Letras, 1988.

KOHN, Hans. **Reflexões Sobre a História Moderna**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1963.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro F. Alves, 1976.

\_\_\_\_\_. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

\_\_\_\_\_. **História. Novos Objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

LEVINE, Robert M. **The Vargas Regime**. The Critical Years. 1934-1938. New York, Columbia University Press, 1970.

MACCIOCHI, Maria-Antonietta. **A Favor de Gramsci**. Trad. Angelina Peralva. 2ª. Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1980.

MONTENEGRO, Abelardo F. **Os Partidos Políticos do Ceará**. Fortaleza, UFC, 1980.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **O Integralismo no Ceará. Variações Ideológicas**. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1986.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira** (Pontos de Partida para uma revisão histórica). São Paulo, Ática, 1977.

NÓBREGA, (Pe.) Manoel da. **Cartas Jesuíticas**. Cartas do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.

OMEGNA, Nélon. **Diabolização dos Judeus**. Martírio e Presença dos Sefardins no Brasil Colonial. Rio de Janeiro, Record, 1969.

PARENTE, Josênio C. **Anauê. Os Camisas Verdes no Poder**. Fortaleza, UFC, 1986.

SALGADO, Plínio. **O Que é o Integralismo**. Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1935.

\_\_\_\_\_. **Psicologia da Revolução**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1935.

\_\_\_\_\_. **O Integralismo Perante a Nação**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira, 1950.

TAVARES, José Nilo. **Conciliação e Radicalização no Brasil**. Ensaio de História Política. Rio de Janeiro, Vozes, 1982.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo e Fascismo Brasileiro na Década de 30.** São Paulo, DIFEL, 1978.

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. **O Antissemitismo na Era de Vargas (1930-1945).** São Paulo, Brasiliense, 1988.

VASCONCELOS, Gilberto. **Ideologia Curupira.** Análise do Discurso Integralista. São Paulo, Brasiliense, 1979.

VIVEIROS, Custódio. **Camisas Verdes.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1935.

## **OUTRAS FONTES**

**Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983).** Coord. Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro, Forense Universitária/CPDOC/FINEP, 1985.

**Dicionário Literário Brasileiro.** Coord. Raimundo de Menezes, 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.

**Jornal Acção.** São Paulo. Outubro a dezembro de 1936; janeiro a agosto de 1937.

**Jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo. Novembro a dezembro de 1934; novembro a dezembro de 1937.

## **PUBLICAÇÕES DO NUDOC**

### **a) Série Ideias**

Número 1: “Produção Científica do NUDOC – 1983-1986”.

Número 2: “Proposta para a Universidade Brasileira. Os Documentos do GERES e da ANDES em Debate” – André Haguette.

Número 3: “NUDOC – História Oral – Catálogo de Depoimentos”.

Número 4: “Breve Cronologia Política do Ceará – 1890-1948” – Francisco Moreira Ribeiro.

Número 5: “Cronologia Cearense Relacionada com o Evento da Sedição de Juazeiro – 1870-1914” – Marcelo Ayres Camurça.

Número 6: “A UDN no Ceará” (Versão Preliminar) – Maria Neuza Lima.

Número 7: “A Pequena Propriedade Face a Uma Situação de Mudança” (Relatório de Pesquisa) – Teresa Maria Frota Haguette.

Número 8: “Origens e Formas de Acumulação no Ceará: Reflexões a partir da Indústria Têxtil” – Elizabeth Fiúza Aragão.

Número 9: “O Partido Agrário do Ceará” (Versão Preliminar) – Raimundo Moacir da Costa.

Número 10: “Canindé – CE – Um Projeto de Modernização Rural Frustração” (Relatório de Pesquisa) – Teresa Maria Frota Haguette.

Número 11: “A Ação Social do Sistema BEC: Avaliação e Política Futura” – André Haguette e Teresa Maria Frota Haguette.

Número 12: “Catálogo de Telegramas do Pe. Cícero – 1912-1916” – Ana Cristina Azevedo Ursulino (organizadora).

Número 13: “Cronologia do Capital Financeiro Privado Cearense” – Jawdat Abu El-Haj.

Número 14: “NUDOC – Relatório de Atividades – 1986-1987”.

Número 15: “A Passagem da Antiguidade ao Feudalismo em Perry Anderson e Marx Weber” – André Haguette.

Número 16: “Bispos e Arcebispos do Ceará – 1854-1989 – Biografias” – Maria Eldeny Rodrigues Silva (org.).

## b) **Coleção Estudos Históricos**

Número 1: **A Estrada de Ferro de Baturité – 1870-1930** – Benedito Genésio Ferreira, Fortaleza, Edições UFC/Stylus, 1989.

Número 2: **O PCB no Ceará, Apogeu e Declínio – 1912-1947** – Francisco Moreira Ribeiro, Fortaleza – Edições UFC/Stylus.

Número 3: **A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará: O Setor de Fiação e Tecelagem – 1880-1950** – Elizabeth Fiúza Aragão, Fortaleza, Edições UFC/Stylus, 1989.

Número 4: **As Eleições de 1954 e 1958 no Ceará: Os Partidos e Suas Lideranças** – Glória Maria dos Santos Diógenes, Fortaleza, Edições UFC/Stylus, 1989.

Número 5: **As Origens do Movimento dos Trabalhadores Rurais no Ceará – 1954-1964** – Glória Maria Wormald Ochoa, Fortaleza, Edições UFC/Stylus, 1989.

Número 6: **A História da Indústria de Óleos Vegetais no Ceará – 1934-1960** – Maria Izelda Rocha Almeida, Fortaleza, Edições UFC/Stylus, 1989.

### c) **Coleção Memórias e Documentos**

Número 1: **Homens e Vultos de Sobral** – 2ª. Edição, Mons. Vicente Martins, Fortaleza, Edições UFC/Stylus, 1989.

Número 2: **A Participação Alemã no Desenvolvimento Socioeconômico do Ceará** – Gisela Schimmelpfeng, Fortaleza, Edições UFC/Stylus, 1989.

## **SÉRIE HISTÓRIA**

Número 1: **ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO CEARÁ: UMA ABRIGADA CRÍTICA**. João Alfredo Montenegro, Walda Weyne, Josemir Melo, Eurípedes Funes, Adelaide Gonçalves.

Número 2: **AS INTERVENTÓRIAS NO CEARÁ (1930-1935)** – Simone Sousa.

Número 3: **O MOVIMENTO OPERÁRIO CEARENSE NA 1ª REPÚBLICA**. Simone Sousa e Francisco de Assis S. de Oliveira.

Número 4: **CEARÁ: REPÚBLICA E CIDADANIA NO COMEÇO DO SÉCULO**; Elenor Botelho Lóssio.

Número 5: **REVOLUÇÃO FRANCESA**. Paulo Petrola, Francisco Auto.

Número 6: **GUSTAVO BARROSO: VIDA, CONTEXTO E IDEIAS**. Gisafra Nazareno Mota Jucá.

Número 7: **REVOLUÇÃO FRANCESA II** – Manfredo Oliveira e Mirtes Mirian Amorim Maciel.

## **PRÓXIMOS NÚMEROS**

Número 8: **REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL: Um Novo Desafio à Classe Trabalhadora: O Caso do Ceará**. Jawdat Abu-El-Haj.

Número 9: **IMPRENSA E IDEOLOGIA: O Papel Político dos Jornais Cearenses na Transição Monarquia/República**.

\*\*\*